

**Conselhos, impaciência e cálculo eleitoral; por trás do vaivém no discurso de Lula**

## Conselhos, pesquisas e efeito Dilma motivam ofensiva de Lula

Presidente ampliou conversas com economistas de fora do governo e vê benefício em se colocar contra a política do BC

RENATA AGOSTINI  
E JENIFFER GULARTE  
[renata@oglobo.com.br](mailto:renata@oglobo.com.br)  
BRASÍLIA

A cruzada do presidente Luiz Inácio Lula da Silva contra o Banco Central (BC), que causou tensão no mercado financeiro e ajudou na disparada recente do dólar, tem como pano de fundo a impaciência do petista com a política de juros e o diagnóstico interno de que, eleitoralmente, ele se beneficia junto a parcelas da população quando decide duelar com o mercado.

O presidente não está fazendo a conta sobre o impacto de sua fala na cotação do dólar, mas buscando externar o que acredita, diz um aliado. O petista vê movimento do mercado para forçar-lo a adotar agenda ambiciosa de cortes e, por isso, tem insistido nos comentários contra a autoridade monetária e sobre o "jogo especulativo" ao qual o real vem sendo submetido. Quem convive com Lula no Planalto diz que,

internamente, esse é um dos assuntos que com frequência "tira o humor" do presidente.

A avaliação entre auxiliares é que, apesar da irritação de investidores, a maioria da população entende quando ele associa juros a problemas cotidianos. E citam pesquisas encomendadas pelo governo que apontam que Lula ganha o debate da opinião pública quando bate no juro. A repetição da crítica reflete a intenção de "cristalizar" a narrativa.

### DE MANTEGA A GALIPOLO

O presidente costuma trocar impressões sobre o tema com auxiliares. Além do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, estão na lista os ministros Rui Costa (Casa Civil), Alexandre Padilha (Relações Institucionais), Paulo Pimenta (Recorrido executivo da Fazenda), Dário Durigan, e a presidente do PT, Gleisi Hoffmann.

O aparente recuo de ontem, quando Lula citou que "responsabilidade fiscal é um compromisso" do governo e autorizou Haddad a anunciar o cumprimento do arcabouço fiscal, foi visto como demons-

tração de que o presidente demarca sua posição, insiste no tema, mas não vai esticar a corda. A equipe econômica recebeu os gestos do presidente com "alívio", disse um interlocutor de Haddad.

A resiliência da escalada do dólar passou a preocupar o presidente nos últimos dias, a ponto de ele pedir a Haddad para organizar encontro com um grupo de economistas. Segundo um aliado, apesar de Lula ter convicções sobre o que motiva a desvalorização do real, sentiu necessidade de ouvir vozes de fora do governo. Uma forma de que não estava deixando algo fora do radar.

Na reunião, que ocorreu na casa de Haddad em São Paulo na sexta-feira, Lula reuniu auxiliares econômicos de longa data, como o ex-ministro da Fazenda Guido Mantega, o presidente do BNDES Luciano Coutinho e Luiz Gonzaga Belluzzo. Estiveram também nomes com os quais o petista passou a interagir recentemente: o investidor Eduardo Moreira, dono do canal de notícias ICL, e Gabriel Galipolo, diretor do BC cotado para che-



Calibragem. Lula vai medindo forças com o mercado e avaliando até onde deve resistir e qual o momento de ceder

fiar a instituição em 2025.

A conversa teve caráter de "troca de ideias". E se alongou. Marcada para as 19h, durou até meia-noite. Segundo um dos presentes, a reunião durou bastante porque "o pessoal todo fala demais", e Lula estava disposto a ouvir.

### MEXE COM COTIDIANO

Foi um debate sobre possíveis caminhos para resolver a subida do dólar, mas não se falou em medidas de intervenção no câmbio, segundo um dos presentes. Foram debatidas, inclusive, medidas que o próprio BC poderia tomar e limitações neste momento. O uso das operações de swap cambial até entrou na conversa. Houve ponderação, porém, de que o instrumento foi muito usado no passado e já há um estoque alto neste momento.

O presidente escutou o diagnóstico de que, apesar de haver um movimento global de valorização do dólar, quando se trata de economia sinais contam muito, e a linguagem

usada pelas autoridades importa. A economia, afinal, é "dimensão da vida social", e a fala de um presidente tem impacto nas expectativas.

Lula tem deixado claro que está descontente com o BC, enfurecido com a postura do chefe da instituição, Roberto Campos Neto, e, sem poder determinar qual deve ser a atuação da autoridade monetária, precisa registrar publicamente sua discordância. O diagnóstico foi feito por ele na conversa e vem sendo repetido a outros aliados na política.

Na visão do presidente, a equação política não é simples, diz um interlocutor. Ao mesmo tempo em que acredita haver ação "orquestrada" para emparedá-lo a abraçar medidas de austeridade, não pode dar um "cavalo de pau" na política, sob risco de deteriorar sua base popular. Em jogo, está sua posição não só para 2026, mas a bandeira que a militância petista deverá carregar nas eleições municipais. Um integrante da cúpula do

PT diz que o presidente não vai repetir o erro de Dilma Rousseff que, uma vez reeleita, cedeu ao "mercado", colocou um banqueiro para formular sua política econômica e perdeu aderência às ideias do partido que a elegeram. Por isso, Lula sabe que não pode ceder a sugestões como desvincular os pisos de saúde e educação do salário mínimo.

Uma leitura no Planalto é que, toda vez que Lula se coloca contra a política do BC, enfraquece o discurso das pautas identitárias da extrema-direita para abordar tema de economia, que mexe com o cotidiano da população. Lula vai medindo forças com o mercado e calculando até onde tem de resistir.

Um interlocutor lembra que ele concordou com Haddad ao manter a meta de déficit zero para 2024 e não alterou a meta de inflação, que se manteve em 3% para o ano que vem. Havia apelo de aliados para que houvesse um alívio nessas diretrizes.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

**Seção:** Economia **Página:** 12